

Aumento de 100%, do Salário Mínimo é Exigência Que Não Pode Ser Adiada

Texto na 7.ª página

nacionalismo democracia socialismo

NOVOS RUMOS

Eleição de Riani na CNTI: Vitória Dos Trabalhadores e de Todo o Nosso Povo

ANO V — Rio de Janeiro, 10 a 16 de janeiro de 1964 — Nº 253

O grupo de pelegos da ORIT, dirigido pelo repelente Crockatt de Sá, sofreu esmagadora derrota nas eleições da CNTI. Os dirigentes sindicais repeliram suas manobras divisionistas e suas vergonhosas tentativas de corrupção. A eleição da chapa

encabeçada pelo líder sindical Clodsmidt Riani representou uma grandiosa vitória não apenas dos trabalhadores, mas de todo o nosso povo (Leia editorial na 3.ª e reportagem na 7.ª página).

Brizola Falará Amanhã, Dia 10, na ABI: Cuba

O deputado Leonel Brizola será um dos oradores do grande ato público de solidariedade a Cuba que será realizado sexta-feira, dia 10, às 18 horas, no Auditório da Associação Brasileira de Imprensa. Entre outros oradores, falará também o ex-deputado federal Carlos Marighella.

O ato, convocado por numerosas personalidades, entre as quais os deputados Leonel Brizola, Sérgio Magalhães, Fernando Santana, Marco Antônio Coelho, Neiva Moreira e Max da Costa Santos, tem por finalidade afirmar a posição do povo brasileiro diante da Revolução chefiada por Fidel Castro, qual seja, a de não permitir que

nosso Governo altere sua política externa de defesa da autodeterminação dos povos e não-interferência nos assuntos internos dos outros países. Servirá também para, mais uma vez, mostrar aos imperialistas lanques que o povo brasileiro se coloca em posição frontal às tentativas de invasão e outras medidas de repressão contra a ilha.

O ato da ABI conta com o apoio de numerosas organizações de massas, entre as quais destacamos a União Nacional dos Estudantes, o Instituto Cultural Brasileiro, a Liga Feminina de Guanabara e o Sindicato dos Trabalhadores Telegráficos.

120 Mil Marítimos e 15 Mil Securitários: Greve Por Aumento e 13º

Marítimos e securitários marcaram os primeiros movimentos grevistas do ano. Os primeiros, depois de três dias de greve, voltaram vitoriosos ao trabalho na quarta-feira, dia 8, com o compromisso do Governo de pagar em duas parcelas a gratificação equivalente ao 13º mês de salário. A vitória, que será estendida aos inativos e aos funcionários do bloco, foi conseguida pela ação unida de duas Federações de Trabalhadores que souberam sustentar a greve e conduzir os entendimentos com habilidade. A greve dos maríti-

mos contou com o apoio do PUA e de outras organizações sindicais.

Por outro lado, os securitários, que iniciaram seu movimento na manhã de quarta-feira, continuavam em greve até o momento de encerrarmos esta edição, em face da intransigência patronal.

Nas fotos, o líder sindical Oswaldo Pacheco quando dirigia a palavra à assembléia dos marítimos, e um aspecto parcial da grande massa de securitários reunidos no Automóvel Clube.

Leia reportagens completas sobre esses movimentos na 8ª página.

Sob Ameaça de Revogação a Lei de Remessa de Lucros

Notícias publicadas esta semana indicam que se acha sob ameaça de revogação a lei de remessa de lucros aprovada pelo Congresso. Sob pretexto da regulamentação, uma equipe chefiada pelo testa-de-ferro

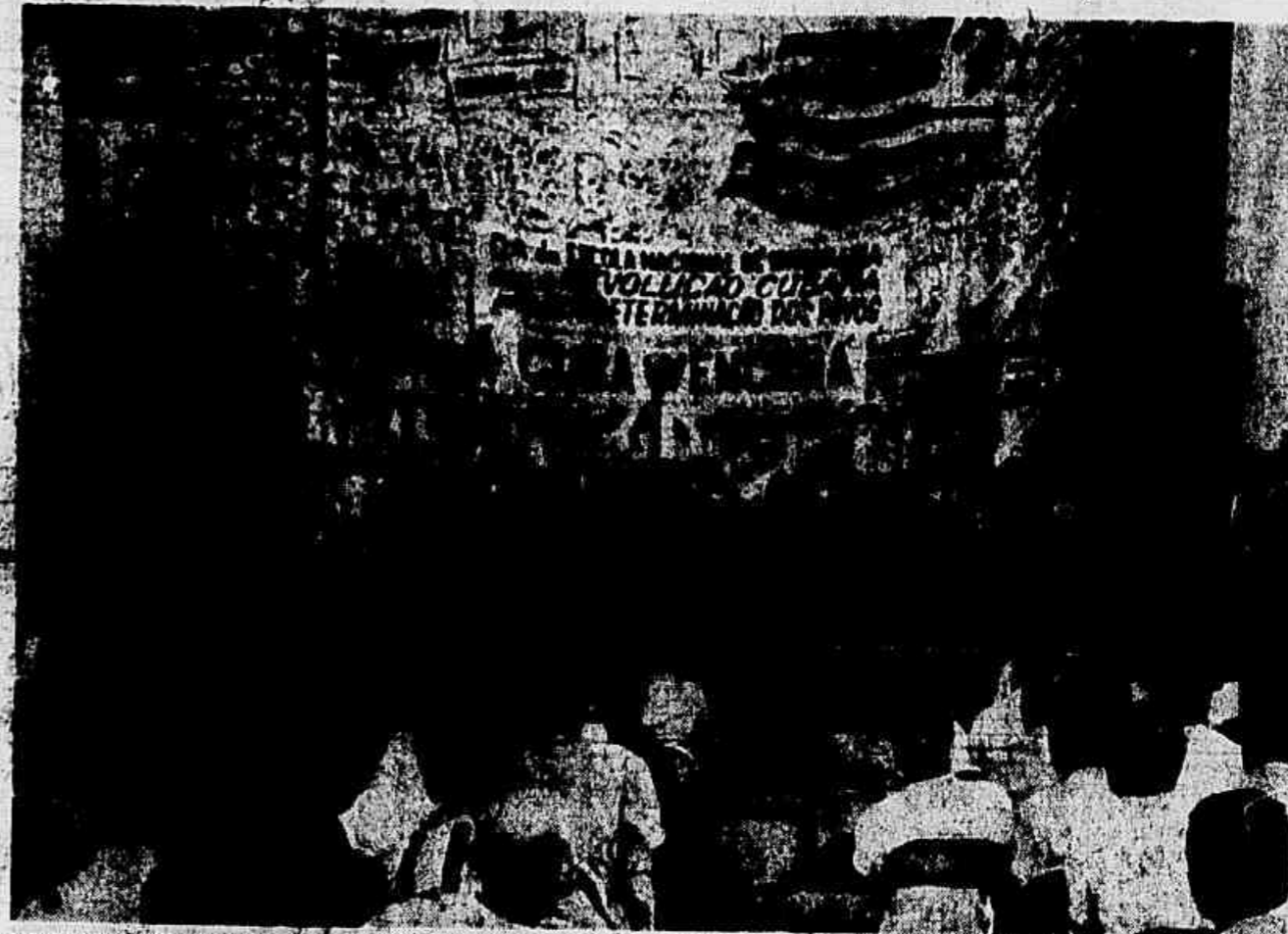
Jorge Serpa, está tratando de suprimir os aspectos mais significativos da lei, transformando-a em documento inócuo, inteiramente à feição dos interesses do capital estrangeiro no Brasil. (Leia na 3ª pag.)

Homenagem a Olympio Melo

O líder sindical Olympio Fernandes Melo, recentemente nomeado Ministro do Tribunal Superior do Trabalho, será homenageado com um almoço sábado, dia 11, às 13 horas na Churrascaria Gaúcha, por iniciativa da CONTEC — Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Empresas de Crédito. O acontecimento é altamente significativo para os trabalhadores e o movimento sindical, que assim têm oportunidade de homenagear um seu representante investido

de importante função naquele Tribunal. Grande número de pessoas tem adquirido convites para participar do almoço.

Os interessados podem procurar convites na sede da CONTEC, Av. Presidente Vargas, 529, 16º andar, tel.: 23-5591; Sindicato dos Bancários, Av. Presidente Vargas, 502, 22º andar, tel.: 43-9200; Sindicato dos Securitários, rua Alvaro Alvim, 41, 22º andar, tel.: 32-1641; Associação Brasileira de Imprensa, com o sr. Walter, no 7º andar, e na Livraria São José, rua São José, 38.



Posse CNTI: Sábado Nos Metalúrgicos

Sábado próximo, dia 11, à noite, no Sindicato dos Metalúrgicos, tomará posse a nova Diretoria da CNTI — Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria.

Entrevista de Prestes

Durante duas horas e meia Luis Carlos Prestes respondeu, sexta-feira última, a dezenas de perguntas no programa "Pinga-Fogo" da Televisão Tupi, de São Paulo, oportunidade em que abordou grande número de problemas dos mais candentes da situação nacional e internacional. A iniciativa da Televisão Tupi teve a mais ampla repercussão não tanto na Capital quanto em Santos, Sorocaba, Campinas, Ribeirão Preto, Bauru e inúmeras outras localidades de São Paulo. Mesmo em Curitiba e programa foi acompanhado por milhares de pessoas. Foi enorme a repercussão das palavras de Luis Carlos Prestes, em particular pela maneira objetiva e concreta com que apresentou a posição dos comunistas diante de questões como a sucessão presidencial, as reformas de base, os erros cometidos no passado pelo movimento comunista brasileiro e as perspectivas revolucionárias em nosso país. Na próxima edição publicaremos o texto desse importante debate.

A URSS e a Luta de Libertação Nacional

Com esta edição circula um tabloide especial com 8 páginas, contendo a entrevista concedida por N.S. Kruschiov a jornalistas de Ghana, da Argélia e da Birmânia, abordando importantes questões da luta de libertação nacional. O tabloide não pode ser vendido separadamente.

Festa em Homenagem a Prestes Será Dia 12

A festa de homenagem à Luis Carlos Prestes, por motivo da passagem de seu 66º aniversário, será realizada no dia 12 próximo, domingo, em Parada Angélica (Raiz da Serra), já que o mau tempo impediu sua realização no dia 5 passado. Os convites já comprados para a festa do dia 5, os quais no entanto, não dão direito a transporte. As passagens devem ser adquiridas no local de embarque, na Praça do Pacificador, em Caxias.

Sentido Revolucionário da Luta Pelas Reformas

Artigo de GIOCONDO DIAS na 3ª página

Reclamar Falta D'água dá Cadeia: Lacerda

Texto na 7ª página

Previdenciários Ameaçam Greve

Vinhos Mônico: Com 4 Dias de Greve 13º Foi Pago

OS POSTOS DA LATA D'ÁGUA NA CABEÇA

João Massena Neto

Arrumadores Inauguram Hospital

Os arrumadores do porto do Rio de Janeiro inauguram...

O Presidente da República e o Ministro do Trabalho comparecerão ao ato de inauguração...

Light Intransigente

Os trabalhadores do Grupo Light continuam lutando...

Durante as últimas mesas-redondas levadas a efeito...

Esta é, em síntese, a proposta dos trabalhadores...

Morena denuncia manobras

O conselheiro do I.A.P.I. Roberto Morena, representante...

Hoteleiros em festa

Foi comemorado festivamente pelos hoteleiros a passagem...

Os trabalhadores começaram a comemorar a data a partir...

Por outro lado, é motivo de grande alegria no meio...

Metalúrgicos e mecânicos

O Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Metalúrgicas...

DNT encaminha pedido

O Departamento Nacional do Trabalho encaminhou o pedido...

Os alfaiates estão se mobilizando para a batalha dos 130%...

Eleições

Entre Secundaristas

Foi eleita e empossada a nova diretoria da União Montenegro de Estudantes Secundários...

ABDALLA MULTADO: 15 MILHÕES PARA SEUS EMPREGADOS

228 trabalhadores da Utna Miranda, do grupo Abdalla (São Paulo), receberam...

Engôdo Patronal

Na longa sentença, o juiz, depois de várias considerações...

Os previdenciários, prosseguindo sua luta pelo 13%...

Transcrevemos abaixo o manifesto lançado pelo Comando...

1. — Manifestar seu enérgico repúdio às ameaças...

2. — Manifestar igual repúdio à ameaça de fechamento...

3. — Confirmar sua decisão de fazer uso da delegação...

4. — Manter a convocação dos delegados...

5. — Determinar que os companheiros servidores...

6. — Expressar sua integral solidariedade...

NR Agradece Boas Festas NOVOS RUMOS recebeu e retribuiu os votos de Boas Festas...

Marco Antônio Apresenta Projeto em Benefício do Funcionalismo Federal

O deputado Marco Antônio Coelho apresentou em dezembro...

1º. — Não se concederá licença especial se houver o funcionário em cada decênio...

2º. — O funcionário que se aposentar após 30 (trinta) anos...

Com 4 dias e meio de greve, os empregados da indústria...

Mau Patrão

O empregador, sr. Valtter Saxe, que é metido a valente...

A Greve

Durante todo o mês de dezembro, os empregados dos Vinhos Mônicos...

o fim de amenizar a sua situação de miséria...

As duas entidades, através da DRT, conseguiram...

Diante da "valentia" e da falta de honestidade do patrão...

Dias de Greve Pagos

Com efeito, numa cidade em que muitas vezes os serviços...



DELEGACIA DO SINDICATO DOS FERROVIÁRIOS DA LEOPOLDINA, EM CAMPOS

Por ocasião dos festejos que marcam o início de mais um ano...

Lembramos que, agora mais do que nunca, quando os trabalhadores...

Ao trabalhador fluminense, fazemos o chamamento para que prestigie...

Ass.) Amaro Maciel Rangel — Delegado

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS USINAS DE AÇÚCAR DE CAMPOS — RIO DE JANEIRO

O Sindicato dos Trabalhadores das Usinas de Açúcar de Campos...

as.) Almirante Costa, presidente

NOVOS RUMOS

Propriedade da EDITORA ALIANÇA DO BRASIL LTDA.

Diretor Orlando Bomfim Júnior

Diretor Executivo Fragmon Carlos Borges

Redator Chefe Luiz Gazzano

Gerente Guttemberg Cavalcanti

Redação: Av. Rio Branco 257, 17º andar, sala 1712

Gerência: Rua Leandro Martins, 74, 1º andar (Centro)

Endereço telegráfico: NOVOSRUMOS

EDIÇÃO DE MINAS GERAIS

Redação e Administração: Rua dos Carijós 121, 2º andar, S/204

Sucursal de São Paulo

Rua 15 de Novembro 228, 8º andar, sala 827

Sucursal do Paraná

Rua José Loureiro, 133 — 3º andar, S/311 — Curitiba

Assinaturas

Annual Cr\$ 1.500,00

Semestral " 800,00

Trimestral " 400,00

Assinatura Aérea

Annual Cr\$ 2.800,00

Semestral " 1.500,00

Trimestral " 800,00

Nº avulso .. Cr\$ 30,00

Nº atrasado .. 50,00

Livros que o Povo Aguardava:

- 1 — Como o Brasil Ajuda os E.U.A. — De Arnaldo Ramos
2 — A Terceira Guerra — de Lúcio Machado
3 — Em Agosto Getúlio Ficou Só — De Almir Matos
4 — Inflação, Arma dos Ricos — De Fausto Cupertino

COLEÇÃO «REPORTAGEM» Do Centro Popular de Cultura da U.N.E.

Preço por exemplar: Cr\$ 300,00

Pedidos pelo reembolso postal à EDITORA ALIANÇA DO BRASIL LTDA. Rua Leandro Martins, 74-1º andar Rio de Janeiro — GB

Ajuda a NOVOS RUMOS

- Amigos da Guanabara 1.750,00
Amigos FCB (Rio-GB) 600,00
Um barbeiro (Rio-GB) 100,00
Um amigo de Colégio (Rio-GB) 50,00
Total: 2.500,00

Sob Ameaça de Revogação a Lei de Remessa de Lucros

Vitória Dos Trabalhadores e de Todo o Povo

O resultado do pleito na CNTI, com a eleição da chapa encabeçada pelo líder sindical Clodomir Riani, constitui importante vitória não apenas dos trabalhadores, mas de todo nosso povo.

tativas de corrupção, defenderam sua unidade e elegeram a diretoria capaz de avançar nos rumos que a CNTI vem seguindo há dois anos, exatamente a partir da eleição em que foram derrotados os pelegos da ORIT que agora tentam voltar a dirigir. Por isso mesmo, o resultado do pleito também representou uma vigorosa manifestação de apoio à orientação da anterior diretoria da CNTI, igualmente presidida por Riani e representativa da unidade do movimento sindical.

Val para um ano e meio que o Congresso Nacional aprovou a Lei de Remessa de Lucros, promulgada pelo presidente do Senado a 3 de setembro de 1962, uma vez que o sr. João Goulart, cedendo às pressões dos grupos estrangeiros e seus agentes internos, havia-se recusado a sancioná-la.

Inicialmente, no prazo prescrito no próprio texto legal, a SUMOC baixou, a título de regulamentação, um ato que não era mais que uma parafrase da Lei. Não podia, realmente, funcionar. Mais alguns meses transcorreram e foi constituído um grupo de trabalho cuja tendência era no sentido de elaborar uma regulamentação castrando os principais aspectos da lei.

até antagonista, o ministro Carvalho Pinto dissolveu o grupo e incumbiu um outro grupo, próximo de sua assessoria, de redigir nova proposta. Foi daí que saiu, finalmente, o texto divulgado pela imprensa, voltado no fundamental para a defesa dos interesses nacionais e sobre o qual NOVOS RUMOS publicou algumas observações na edição de 29 de novembro último.

Imperialismo Reage Nos Bastidores A elaboração do projeto de regulamentação foi acompanhada de notícias quase diárias pelos jornais, anunciando "a próxima assinatura do decreto" pelo sr. João Goulart e por inflamados discursos deste último denunciando a espoliação do capital estrangeiro. Ao mesmo tempo, porém, o capital estrangeiro, através dos seus agentes e também diretamente — pelos canais diplomáticos e espionagem em Washington — mobilizava-se para torpedear a regulamentação.

do em poucos dias lucros de bilhões aos fundos de investimentos (além dos que já como a DELTEC, de propriedade do sr. Nelson Rockefeller) uma orientação marcadamente orientada para o norte-americano. Duas ou três dias depois de assumir o cargo, o sr. Galvão reuniu-se com os tubarões e agentes estrangeiros da Associação Comercial, ouvindo sugestões e ponderações, que prometeu acolher com simpatia, inclusive sobre a regulamentação da lei de remessa de lucros.

Dessa maneira, acha-se sob ameaça iminente uma importante conquista das forças nacionalistas, que é a lei de remessa aprovada pelo Congresso. Se não houver uma imediata mobilização dos setores nacionalistas e populares, acabou por prevalecer a regulamentação entreguista, pois é nesse sentido que sopram os ventos da composição do Governo com os credores estrangeiros, especialmente os norte-americanos.

As vésperas da Conferência Mundial de Comércio No início da segunda quinzena de março reuniu-se em Genebra a Conferência Mundial de Comércio e Desenvolvimento. Apesar de estarmos a apenas pouco mais de dois meses da Conferência, os jornais e a opinião pública, como regra, não estão concedendo o acontecimento a devida importância. No entanto, a Conferência Mundial de Comércio é tida em muitos países como o fórum talvez mais importante e mais representativo de toda a história do comércio internacional. A grande significação da Conferência consiste em que, pela primeira vez, estarão reunidos, frente a frente, os representantes de dois mundos: do mundo subdesenvolvido, isto é, a grande maioria da humanidade, e dos países desenvolvidos, entre os quais figuram as potências imperialistas, principais responsáveis pela situação de atraso e subdesenvolvimento em que vivem milhões e milhões de seres humanos. Na oportunidade, serão postos em debate os grandes problemas que impedem o desenvolvimento normal do comércio internacional e buscadas as soluções para os mesmos.

FORA DE RUMO - paulo motta lima

Em sua edição de seis do corrente "Última Hora" anunciou que a eleição do dia seguinte, na CNTI, marcaria a vitória de um novo líder sindical, mobilizado no Paraná. Era um marceneiro de absoluta confiança do ministro Amador Silva. Seu nome: Wagner, além do prestígio ministerial e da tendência musical explosiva, apontavam-no como líder autêntico.

do formulário de Borer, Lacerda e Finca, a edição do dia seis anunciou em recita a Cavalgada, sob a batuta do próprio Wagner e figurando com o empresário o vigarista assessor sindical.

Distorção Dos Fatos

É espantosa a sem-cerimônia com que "Última Hora", em seu editorial de terça-feira, distorce os fatos em torno da luta pelas reformas de base. Propõe-se UH a esclarecer os motivos pelos quais, um ano após o plebiscito — realização sob as mais amplas e efusivas promessas — nenhuma reforma foi sequer encaminhada concretamente.

ver as reformas têm êle de contrapor-se a Lacerda e romper os conciliabulos com as raposas do PSD? Fala-se em "divisão das esferas". É um fato incontestável, porém, que não só as esquerdas, mas todas as forças nacionalistas, estão solidamente unidas na exigência de um novo ministério. Por que então, apesar dessa unidade, o sr. Goulart afastou o sr. Carvalho Pinto para substituí-lo por um homem como o sr. Nei Galvão, comprometido até o gôgo com os interesses mais antinacionais e mais anti-reformistas que atuam no País?

Homenagem ao Ministro Olympio Fernandes Mello

A Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Empresas de Crédito (CONTEC), em gozozjo pela nomeação do líder bancário OLYMPIO FERNANDES MELLO para Ministro do Tribunal Superior do Trabalho, na representação de empregados, promoverá um Almôço de Homenagem, dia 11 de janeiro vindouro, às 13 horas na Churrascaria Gaúcha (Rua Laranjeiras, 114).

Sentido Revolucionário da Luta Pelas Reformas

A necessidade das reformas de estrutura da sociedade brasileira ganhou a consciência da grande maioria da Nação. Tal é o prestígio adquirido pela idéia dessas reformas que mesmo entre os políticos reacionários, seus inimigos de fato, poucos são os que têm a audácia de se proclamarem publicamente contrários a elas.

Contudo, existem ainda em nossas fileiras algumas incompreensões básicas no que se refere ao caráter e à significação da luta pelas reformas de estrutura em nossas condições históricas atuais. De um lado, manifesta-se certa tendência no sentido de absolutizar essas reformas, isto é, de encará-las como um objetivo final, de não considerá-las como um aspecto ou uma fase do processo revolucionário cuja culminação será o triunfo do socialismo.

dade histórica. concreta. Não consideram, particularmente, a insistência com que Lênin exortava os comunistas a concentrarem todas as suas forças e toda a sua atenção na "procura das formas de passagem ou aproximação à revolução proletária" (V. I. Lênin, Obras, t. XXXI, p. 63).

pequena burguesia urbana. Para as classes trabalhadoras as reformas de estrutura devem representar um elo no processo revolucionário que culminará com o advento e a construção do socialismo. Se as reformas, afinal, serão reabsorvidas pelas classes dominantes, em particular pela burguesia, e servirão para fortalecer o seu domínio, ou se serão um fator de avanço e aprofundamento do processo revolucionário brasileiro, isso depende de uma série de condições, tanto objetivas como subjetivas: da influência que tenham as forças de vanguarda na frente única, refletindo o grau de organização e de consciência política alcançado, antes de tudo pelas massas trabalhadoras, assim como refletindo a orientação lúcida, unitária e consequente que imprimirmos à luta; da capacidade maior ou menor que revele a frente única de neutralizar as tendências à conciliação com o imperialismo e o latifúndio; da amplitude que alcance a unidade das forças nacionalistas e democráticas; do desenvolvimento da situação internacional, caracterizada pelo incessante avanço do sistema socialista e do movimento de libertação nacional e, de outro lado, pelo fatal enfraquecimento do sistema imperialista.

que não só das que ocorreram nos séculos XVII e XIX, mas também das que se verificaram em nosso século antes da Revolução de Outubro, da crise geral do sistema capitalista e da formação do sistema socialista mundial. Presentemente, a revolução democrática adquire novas características. Uma dessas características mais importantes consiste em que, antes a revolução de tipo democrático apresentava fundamentalmente um conteúdo antifeudal e levava a um desenvolvimento limitado do capitalismo, hoje, em numerosos países — como o Brasil — ela se dirige, desde o início, não apenas contra as sobrevivências feudais, mas contra o imperialismo, em essencial o imperialismo norte-americano. Desse modo, dirige-se também contra a parte da burguesia associada ou a serviço do imperialismo. Em outras palavras, a revolução democrática é dirigida agora, em essência, contra o mesmo inimigo a quem vira a revolução socialista no âmbito mundial, contra o burgois e o gendarme do sistema capitalista.

isto significa que se deu uma aproximação maior entre os dois tipos de revolução, de tal modo que a luta pela solução das tarefas democráticas e das tarefas socialistas pode não tomar a forma de duas revoluções distantes entre si, mas constituir apenas duas etapas de um mesmo processo revolucionário. Um exemplo concreto, próximo a nós, é o de Cuba.

Para que isso se realize na prática, para que os ritmos de transição sejam os mais velozes, são necessárias, naturalmente, diversas condições. Uma delas é a capacidade que tenham as forças de vanguarda de isolar ao máximo as forças entreguistas e reacionárias, assegurando a formação da mais ampla frente única contra o imperialismo e seus agentes e o latifúndio, assim neutralizando também as tendências à conciliação. Outra condição é que as forças sociais mais avançadas tenham uma participação cada vez mais influente e decisiva no processo político, de maneira a assegurar a sua direção pela classe operária. Isso permite compreender quanto é grande a importância do reforço da unidade do movimento operário, assim como a organização e as lutas das massas camponesas.

Apresentemente, essa é uma tese revolucionária, radical. Mas só aparentemente. Na realidade, os seus defensores argumentam como se vivêssemos há vinte ou trinta anos, como se nada de novo tivesse ocorrido no mundo nas últimas décadas, em especial nos últimos anos. Mais do que isso, revelam desconhecer os preciosos ensinamentos dos clássicos do marxismo-leninismo acerca, por exemplo, da necessidade dos partidos revolucionários dominarem todas as formas de luta e se atermem sempre à reali-

Naturalmente, apesar dos objetivos comuns que tornam possível a frente única, diferem as aspirações e perspectivas das classes e camadas sociais progressistas que compõem a frente antiimperialista e antifeudal. No que se refere à burguesia, especialmente, não é novidade para ninguém que o seu desejo reside em utilizar as reformas estruturais no sentido de conquistar para ela o monopólio das vantagens econômicas e do poder político, perpetuando o regime de exploração do homem pelo homem. Outra, evidentemente, é a aspiração do proletariado, das massas trabalhadoras e da geral, inclusive o campesinato, e da

que se refere à burguesia, especialmente, não é novidade para ninguém que o seu desejo reside em utilizar as reformas estruturais no sentido de conquistar para ela o monopólio das vantagens econômicas e do poder político, perpetuando o regime de exploração do homem pelo homem. Outra, evidentemente, é a aspiração do proletariado, das massas trabalhadoras e da geral, inclusive o campesinato, e da

Naturalmente, apesar dos objetivos comuns que tornam possível a frente única, diferem as aspirações e perspectivas das classes e camadas sociais progressistas que compõem a frente antiimperialista e antifeudal. No que se refere à burguesia, especialmente, não é novidade para ninguém que o seu desejo reside em utilizar as reformas estruturais no sentido de conquistar para ela o monopólio das vantagens econômicas e do poder político, perpetuando o regime de exploração do homem pelo homem. Outra, evidentemente, é a aspiração do proletariado, das massas trabalhadoras e da geral, inclusive o campesinato, e da

que se refere à burguesia, especialmente, não é novidade para ninguém que o seu desejo reside em utilizar as reformas estruturais no sentido de conquistar para ela o monopólio das vantagens econômicas e do poder político, perpetuando o regime de exploração do homem pelo homem. Outra, evidentemente, é a aspiração do proletariado, das massas trabalhadoras e da geral, inclusive o campesinato, e da

que se refere à burguesia, especialmente, não é novidade para ninguém que o seu desejo reside em utilizar as reformas estruturais no sentido de conquistar para ela o monopólio das vantagens econômicas e do poder político, perpetuando o regime de exploração do homem pelo homem. Outra, evidentemente, é a aspiração do proletariado, das massas trabalhadoras e da geral, inclusive o campesinato, e da

que se refere à burguesia, especialmente, não é novidade para ninguém que o seu desejo reside em utilizar as reformas estruturais no sentido de conquistar para ela o monopólio das vantagens econômicas e do poder político, perpetuando o regime de exploração do homem pelo homem. Outra, evidentemente, é a aspiração do proletariado, das massas trabalhadoras e da geral, inclusive o campesinato, e da



Milhares de marítimos compareceram à assembleia de greve realizada no Sindicato dos Metalúrgicos cariocas.

Marítimos: 120 Mil Fazem Greve Pelo 13º

NO DIA 3 de janeiro, a insistência do governo federal em não pagar o 13º salário aos marítimos de suas autarquias levou quase toda a frota marítima do Brasil à paralisação, abrangendo uma centena de navios e dezenas de milhares de trabalhadores. Foi a primeira greve do ano, sem ter sido convocada por ninguém, pois os dirigentes da Federação Nacional dos Marítimos estavam mantendo todos os contatos possíveis com as autoridades desde fins de novembro, mas foi tudo vão: o ano terminou e os marítimos resolveram ir à greve pela gratificação natalina.

Último Aviso

No dia 27 de dezembro, os trabalhadores do mar, depois de uma reunião de qual participaram os representantes das duas Federações marítimas, divulgaram um comunicado declarando que aguardavam o pagamento do 13º mês de salário ou uma gratificação equivalente até dia 30, caso contrário o movimento paralisaria a partir de zero hora do dia seguinte. Entretanto, depois dos ajustes realizados com autoridades governamentais, as Federações resolveram prolongar por mais alguns dias os entendimentos.

Os contatos prosseguiram e não se delineava nenhuma solução para a reivindicação dos marítimos. Diante disso, em novo manifesto, os trabalhadores foram colocados em estado de alerta, pois a greve poderia eclodir no dia seguinte, sexta-feira 3.

Greve

Altiçados os trabalhadores, e sem falar ao gabinete de mais ninguém para conseguir a justa reivindicação sem interromper o trabalho, os marítimos lançaram mão do último e infalível recurso dos trabalhadores, a greve, decretando-a às 21 horas do dia 3.

Uma vez iniciado o movimento paralisista, o Comando de Greve instruiu os trabalhadores que só fossem às embarcações se estivessem incluídos na "escala de serviço" para manter a segurança dos barcos, não se efetuando trabalhos nos porões. Os trabalhadores que se encontravam navegando deveriam aderir ao movimento no primeiro porto onde o navio fôr atracado. Essa determinação, peculiar aos trabalhadores em transportes, faz com que a cada dia vá aumentando o número de embarcações paralisadas. Logo que foi iniciado, o movimento atingiu 67 navios: setenta e duas horas depois esse número ascendeu a mais de uma centena, com

navios brasileiros parados em vários portos do mundo.

Arbitrariedade

A força da unidade dos trabalhadores marítimos, garantida à classe que suas greves transcorram normalmente, num clima de calma, pois todas as vezes que alguns provocadores tentam experimentar o aparelho de solidariedade dos trabalhadores da orla do mar arrependem-se amargamente.

No dia imediato ao início da greve, os marítimos do porto de São Francisco do Sul cruzaram os braços juntando-se aos armadores e aos estivadores daquele porto, que já estavam em greve. Diante disso, as autoridades locais, já conhecidas de greves passadas, pediram que fosse enviado à cidade um reforço policial vindo de Florianópolis. Sabedores disso, os trabalhadores dirigiram-se ao governador Celso Ramos, para que fossem garantidas as liberdades sindicais. Apesar de bem recebidos e tranquilizados pela palavra do chefe do executivo estadual, os trabalhadores de São Francisco do Sul foram colhidos por uma "batalha" policial comandada por um delegado que saiu há poucos momentos de uma festa patrocinada pelos armadores.

As arbitrariedades poli-

ciais, que incluíram a interdição de sindicatos e o espancamento de trabalhadores, duraram toda uma noite, até que, por contatos mantidos entre a direção nacional dos marítimos e o ministro do Trabalho, foi enviado um representante daquele Ministério para resolver o problema do terror desencadeado pela polícia catarinense.

Alastamento

O primeiro boletim do Comando de Greve já noticiava a paralisação nos portos de Manaus e Porto Alegre, e, enquanto a greve estendia-se a todas as embarcações do Lóide e da Costeira, as autoridades competentes mantinham-se intransigentes na discussão de como pagar a gratificação integralmente, o que já era um progresso, embora não fosse o que os trabalhadores reclamavam.

Assim, na manhã do dia 5, durante a reunião realizada no Ministério da Viação, o Presidente da Comissão de Marinha Mercante ofereceu aos trabalhadores a primeira proposta governamental, segundo a qual os marítimos receberiam logo que encerrada a greve metade da gratificação e o Governo se comprometia a pagar o restante em duas parcelas: uma juntamente com o pagamento de janeiro, que pode efetuar-se até 10 de fevereiro,

e a outra no dia 17 de fevereiro. A proposta foi rejeitada pelo Comando de Greve que apresentou uma contraproposta, pela qual os trabalhadores aceitavam a metade do pagamento com o fim da greve, enquanto que exigiam a outra metade paga de uma só vez, com o pagamento de janeiro.

Além das discussões sobre a forma de como pagar o 13º salário, os trabalhadores exigem ainda a extensão da medida a todos os marítimos, inclusive aqueles da Baía do Prata, e ainda os funcionários dos blocos do Sindicato.

Enquanto o Governo não voltava a discutir a contraproposta dos trabalhadores, a direção do movimento grevista reuniu-se para dar um balanço da greve, que já paralisara o Lóide, a Costeira, os estaleiros, e embarcações do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis, constatando-se a vitória total da greve, que tende a aumentar a cada hora, diminuindo assim as possibilidades de as autoridades se manterem intransigentes no pagamento de um direito legal a todos os trabalhadores, e que por meio de mecanismos jurídicos querem cortar aos funcionários públicos e autárquicos, como é o 13º mês de salário.

Securitários: 15 Mil Cruzam os Braços

UNIDOS numa "Frente Securitária", cinquenta mil trabalhadores em empresas de seguros estão empenhados na primeira campanha salarial de 1964. A Frente, integrada pelos Sindicatos de oito Estados, está unida por uma lista de reivindicações com 12 pontos, e apoiada na Guanabara, São Paulo, Estado do Rio e Minas Gerais, sendo que neste último Estado os trabalhadores, depois de terem esgotado todos os entendimentos possíveis, foram levados a desencadear um movimento grevista desde a manhã de sábado, dia 4, apesar dos esforços realizados pelo governador Magalhães Pinto que se ofereceu como mediador.

As Reivindicações

O projeto de acordo salarial apresentado pelos trabalhadores inclui a instituição do salário profissional, de maneira que todos os empregados admitidos depois da assinatura do acordo recebam um salário equivalente ao ordenado mínimo e mais um adicional de 60% sobre o mesmo, enquanto que os funcionários das portarias, serventes e contínuos receberão o adicional em apenas 40%. A aplicação do salário profissional para os securitários é

justificada pelos dirigentes sindicais lembrando as exigências feitas pelas companhias de seguro na admissão de funcionários, pois exigem que estes tenham o curso ginasial e até, às vezes, o científico completo, além dos conhecimentos de mecânica obrigatórios. Fica claro, assim, que os empregados em companhias de seguros precisam ter conhecimentos especializados para poderem desempenhar suas funções.

Outro aspecto do acordo proposto pelos sindicatos, e rejeitado pelos empregadores, é a gratificação de Cr\$ 1.500,00 por ano de serviço até que o trabalhador tenha completado três anos de casa, depois dos quais a gratificação será aumentada para Cr\$ 4.500,00 elevando-se progressivamente em cada triênio.

Tanto a gratificação anual como o salário profissional encontraram a maior resistência possível por parte dos grupos seguradores, que apesar de se constituírem no maior truste municipal depois do petróleo, não querem de maneira alguma pagar salários razoáveis a seus empregados. Utilizam-se para isso de expedientes como a demissão em massa dos empregados logo depois da assinatura dos acordos, o que lhes possibilita a ad-

missão de novos funcionários com salários menores — esperteza que o salário profissional irá impedir — e ainda a manutenção de empregados com dezenas de anos de trabalho e salários de fome.

Estão incluídos ainda na pauta de reivindicações dos securitários a gratificação para cargos de chefia, a regulamentação das férias, e um aumento de 100% para todos os empregados a vigorar desde 1º de janeiro do corrente ano, assegurando-se ainda um aumento mínimo de 16 mil cruzeiros e a ajuda de custo aos cobradores.

A Intransigência

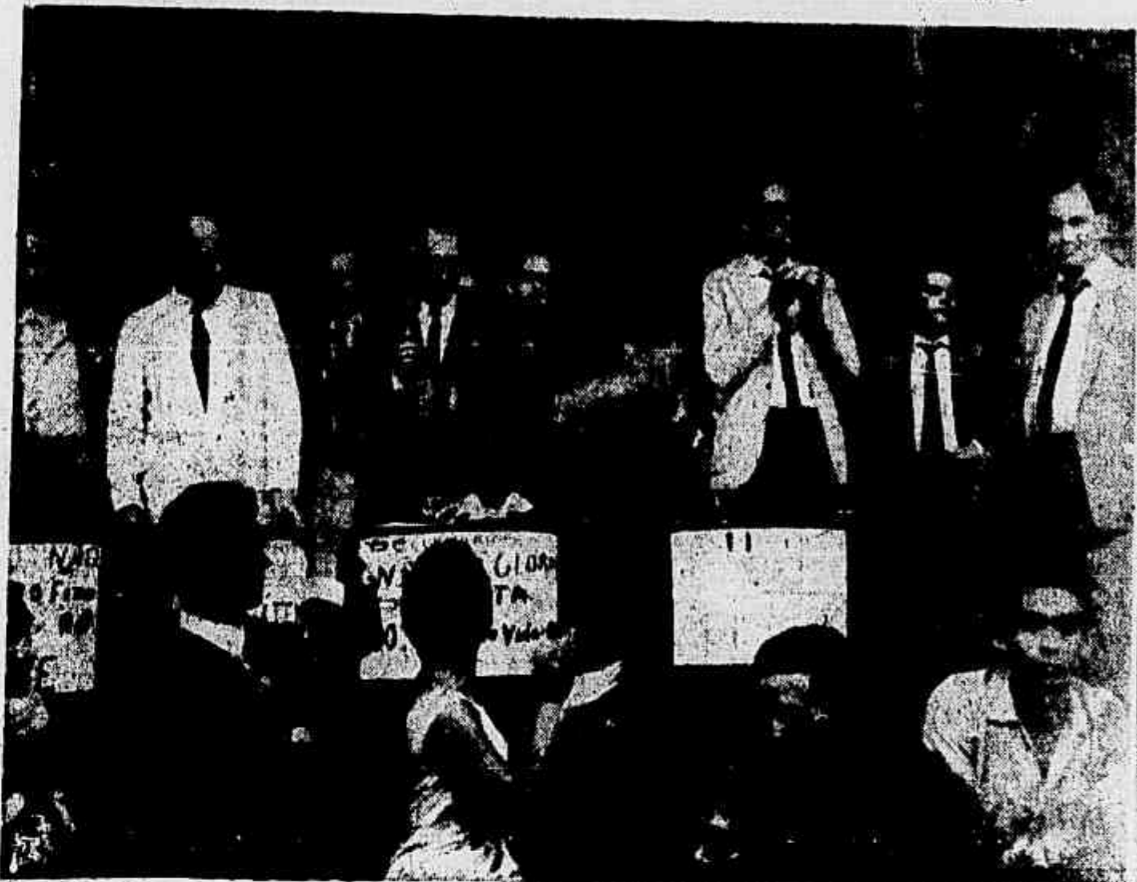
A campanha salarial dos securitários é a primeira do ano, pois o acordo salarial assinado entre eles e os empregadores encerrou sua vigência na primeira semana de janeiro, e por isso os empregados vinham procurando entender-se com os patrões desde meados de dezembro, enviando ofícios ao sindicato patronal e convidando os empregadores a discutirem o novo salário. Essas medidas, entretanto,

foram tomadas em vão, pois apesar de três ofícios que lhes foram dirigidos pelo sindicato dos securitários os seguradores mantiveram-se no mais absoluto silêncio, como se não houvesse acordo a discutir nem salários a aumentar. Diante disso, os trabalhadores dirigiram-se ao DNT para que seu diretor encaminhasse as discussões prévias, mas nem isso serviu para abrir os olhos dos patrões. Esperavam eles o momento oportuno para requererem o dissídio coletivo, e assim fizeram levando a discussão para sua última instância, o TRT, onde se recusaram a discutir 11 dos 12 pontos de reivindicações dos trabalhadores.

Diante da ostensiva intransigência patronal, os trabalhadores reuniram-se na noite do dia 7 em assembleia geral na sede do Automóvel Clube, ocasião em que a diretoria do Sindicato expôs a seus companheiros os resultados de uma nova reunião realizada no TRT na tarde do mesmo dia.

Campanha Permanente

Além das reivindicações salariais que anualmente levam os securitários à luta, o sindicato dos trabalhadores está realizando uma campanha permanente para que seus associados trabalhem sob o regime de horário corrido, sendo que um projeto nesse sentido, apresentado pelo deputado Floriano Paixão, já se encontra em vias de ser levado ao plenário da Câmara Federal. O mesmo deputado transformou, há poucos meses, em projeto, a velha aspiração dos securitários que é a passagem do seguro contra acidentes para os IAPs, pois são Institutos que internam e cuidam dos trabalhadores acidentados, não havendo nenhum motivo razoável, senão interesses escusos para, que aquele seguro seja recolhido por empresas particulares, na maioria dos casos ligadas a poderosas organizações internacionais, particularmente inglesas e norte-americanas.



Os securitários cariocas compareceram em massa ao Automóvel Clube onde foi realizada a Assembleia que decretou a greve geral.

NOVOS FUMOS

A União Soviética e a Luta de Libertação Nacional

SUPLEMENTO ESPECIAL — 10 a 16/1/1964

**NOVOS
RUMOS**

NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

**Entrevista de Kruschiov
a Jornalistas de Ghana, da
Argélia e da Birmânia**





Quem não tem cão... Os inimigos dispõem de moderno armamento, tropas bem organizadas e alimentadas. Os patriotas, que muitas vezes enfrentam os opressores quase que sem arma alguma, dispõem, porém, da arma principal — a razão, a justiça da luta, o apoio do povo. Por isso, quando faltam as armas, fazem-se armadilhas — como a que na foto colocam guerrilheiros do Vietnã do Sul — para caçar, como animais que são, os odiosos mercenários colonialistas.

Cena hoje comum no mundo colonial. Líderes locais, com valentia a toda prova, desafiando as violências que sempre se seguem, fazem das praças sua tribuna e explicam aos demais por que devem empenhar-se para a conquista da independência política e econômica de seu país.



A URSS e a Luta de Libertação Nacional

As redações dos jornais *Ghanien Times (Gana)*, *Alger Republicain*, *People (Argélia)*, e *Batataung (Birmânia)* pediram a N. S. Kruščio que respondesse a uma série de perguntas relativas ao movimento de libertação nacional no período contemporâneo. A seguir publicamos as perguntas dos referidos jornais e as respostas de N. S. Kruščio.

1. PERGUNTA — Como encara o Sr. os resultados da luta de libertação nacional dos povos contra o imperialismo?

RESPOSTA — Os povos oprimidos realizaram uma grande proeza, derubaram o sistema colonial do imperialismo. Este é o principal resultado da luta nacional-libertadora. Em menos de dois decênios foram destruídos impérios erigidos durante séculos pelos colonizadores. Há pouco, esses impérios pareciam a algumas pessoas baluartes inexpugnáveis. Lembremos as palavras jactanciosas de Churchill durante a Segunda Guerra Mundial: "Eu não cheguei a primeiro-ministro para presidir a liquidação do Império Britânico". Mas agora, como se costuma dizer, restam somente os trastes rotos deste império.

Atualmente o processo de liquidação dos regimes coloniais entrou em sua fase culminante. Mais de cinquenta países já alcançaram a independência e formaram Estados nacionais. Isso é, na verdade, uma realização de transcendência histórica universal das massas populares, que lutaram viril e abnegadamente.

Seria um grave erro subestimar a significação desta vitória, negar o fato da derrocada do sistema de escravidão colonial e considerar que a conquista da independência política é mero formalismo. Seria um ultraje aos combatentes da liberdade afirmar que os povos que se batem contra o colonialismo, na essência, nada alcançaram.

A conquista da independência política pelos povos é um grande ato revolucionário de importância internacional. O imperialismo perdeu o domínio direto sobre várias regiões de nosso planeta, sobre centenas e centenas de milhões de pessoas. Foi derrubado um enorme obstáculo que barrava aos povos oprimidos das colônias os caminhos para a liberdade e para o progresso social. Encerra-se toda uma fase de heróicas batalhas desses povos, abre-se uma nova etapa em sua luta de libertação. Se antes esses povos buscavam a derrubada dos sistemas coloniais, a expulsão das tropas e governadores coloniais, agora extirpam as raízes do colonia-

lismo — as posições econômicas e políticas dos monopólios estrangeiros — lutam pelo desenvolvimento independente e democrático, pelo progresso social.

Naturalmente, alcançar a soberania estatal não significa ainda conseguir a libertação total. Em todas as partes onde podem, os imperialistas procuram converter numa ficção a soberania dos jovens Estados nacionais. Hoje, porém, os povos estão em condições de desbaratar os planos dos imperialistas, de romper por completo as cadeias da opressão e da exploração imperialistas, e de utilizar a independência política como um potente ponto de apoio na luta pela emancipação econômica, para livrar-se de muitas outras travas e cadeias do imperialismo.

Condição indispensável para garantir a completa independência dos jovens Estados nacionais é o reforçamento e não o enfraquecimento de sua luta antimperialista, o reforçamento de sua solidariedade com as forças revolucionárias mundiais. Os acontecimentos do Congo, Argélia e outros países mostraram que os povos das antigas colônias não estão garantidos, de modo absoluto, contra as maquinacões imperialistas.

Numerosos países que conquistaram a independência política levam à prática uma política antimperialista independente. Pode-se fechar os olhos diante do fato de que em muitos países emancipados do jugo colonial se desenvolve um processo de ressurgimento nacional, se assentam as bases da economia nacional e se desenvolve a cultura? Pode-se negar que na luta pela independência as massas cursaram uma imensa escola política, cresceram incomparavelmente seu grau de consciência nacional e antimperialista, forjou-se e se robustece sua decisão de marchar pela senda da democracia e do progresso social?

É necessário ter em vista, como mudaram as condições do desenvolvimento dos países da Ásia, África e América Latina com a atual correlação de forças no campo mundial. Apoiando-se na cooperação dos países socialistas, do movimento operário

Internacional e de todos os povos amantes da paz, qualquer país pode fazer frente com êxito às investidas imperialistas, robustecer sua independência e determinar para si o destino que bem entender.

2. PERGUNTA — Quais, em sua opinião, as condições que asseguram a derrocada do sistema colonial?

RESPOSTA — Antes de mais nada, gostaria de acentuar mais uma vez que o desmoronamento do sistema colonial é resultado da luta heróica dos próprios povos oprimidos. Os imperialistas propalam o mito de que por sua boa vontade decidiram beneficiar os países avassalados, apresentando-lhes a independência. É um embuste. Os colonizadores não abandonaram um só país pela "própria vontade". A independência política foi conquistada pela luta e somente pela luta.

As forças do socialismo mundial contribuíram de maneira decisiva na luta pela libertação dos povos das colônias e países oprimidos. A Grande Revolução Socialista de Outubro minou a dominação mundial do imperialismo, abrindo-se diante dos povos a possibilidade real de expulsar os colonizadores. A vitória da União Soviética na Grande Guerra Patriótica contra a coalizão hitlerista, a derrota das forças de choque da reação imperialista mundial e o ascenso geral do movimento revolucionário mundial de libertação, que começou como resultado disso, criaram condições favoráveis para a revolução na China e em vários outros países da Ásia, para o êxito da luta dos povos pela liquidação dos regimes coloniais.

Com a formação do sistema mundial de Estados socialistas a balança das forças no campo internacional mudou radicalmente, em prejuízo do imperialismo. Isso acelerou em grande escala o avanço do movimento nacional-libertador. As chamadas da revolução nacional-libertadora envolveram também o sudeste da Ásia, o Oriente Próximo, a África e a América Latina. A União Soviética e demais países socialistas apoiaram decididamente os povos em luta e os jovens Estados nacionais. Isso é o

que ensinam as lições da crise de Suez, o fracasso de numerosas aventuras imperialistas no Oriente Próximo e a experiência da heróica Cuba. O proletariado dos países capitalistas desenvolvidos apoiou ativamente a luta dos povos oprimidos. As grandes forças revolucionárias de nosso tempo — o socialismo triunfante, o movimento nacional-libertador e a luta revolucionária dos proletários dos países capitalistas — fundiram-se em uma só torrente. Foi isto que assegurou o êxito dos povos no assalto aos baluartes do sistema colonial.

3. PERGUNTA — Como encara o Sr. a marcha da luta pela liquidação dos últimos regimes coloniais?

RESPOSTA — Creio que a vitória dos povos oprimidos não está muito longe, está próxima. Os combatentes da liberdade estão liquidando os regimes coloniais que restam. Em 1960 havia sob o jugo dos colonizadores mais de cem milhões de pessoas, agora, mais da metade delas, graças à valorosa luta dos povos, já se libertou. Mas a consciência da humanidade não pode estar tranqüila enquanto os povos de Angola, da Guiné "portuguesa", Moçambique, Rodésia do Sul, África do Sul e outros países são humilhados e aterrorizados pelos escravizadores e racistas estrangeiros. Todos os que amam a liberdade não podem aceitar a ocupação da Coreia do Sul e Taiwan pelos imperialistas dos Estados Unidos — ocupação que prossegue até os dias de hoje — nem a guerra contra os patriotas do Vietnã do Sul.

A liquidação mais urgente do sistema colonial converteu-se numa causa de todas as forças progressistas do mundo. Todos os povos devem ser livres; não deve haver na Terra lugar para o colonialismo! Consideramos absolutamente intolerável que os colonizadores portugueses, os racistas sul-africanos e os imperialistas ingleses e norte-americanos, com o concurso de seus aliados da OTAN, continuem mantendo presos pelas cadeias da escravidão mais de cinquenta milhões de seres humanos.

A Organização das Nações Unidas, como se sabe, por iniciativa da União Soviética, aprovou a Declaração de concessão de independência às colônias e aos povos coloniais. Os colonizadores e os racistas foram estigmatizados perante toda a humanidade. Mas não se pode deixar de considerar que as declarações da ONU são, por assim dizer, um voto moral aos povos que ainda estão sob a escravidão colonial. Esses povos só podem libertar-se mediante uma luta tenaz, com seus próprios esforços. Os Estados socialistas e os países que já atingiram a independência consideram seu dever ajudar essa luta por todos os meios, tanto moral como materialmente.

Todos os povos que se bateram contra os colonizadores receberam o apoio firme da União Soviética e demais Estados socialistas. Hoje declaramos, mais uma vez, em voz alta, que os povos que lutam por sua libertação podem continuar contando firmemente com esse apoio. Passou o tempo dos regimes coloniais e não há força que os possa salvar.

4. PERGUNTA — Qual, na sua opinião, o conteúdo fundamental da luta nacional-libertadora nas atuais circunstâncias?

RESPOSTA — O conteúdo e as formas de luta, cada povo os determina conforme as condições próprias. E as condições nos diferentes países da Ásia, África e América Latina não são as mesmas. Acabo de referir-me aos povos que lutam por sua libertação, por sua independência estatal. Evidentemente, este é o principal conteúdo de sua luta nacional-libertadora atualmente. Em outro grupo de países, a independência estatal é um disfarce da dominação de regimes fantoches extremamente reacionários e tirânicos, que se sustentam com o apoio dos imperialistas. Pode-se dizer que nesses se conserva também o domínio político dos colonizadores, embora em forma um pouco disfarçada. Os povos de tais países consideram que sua tarefa imediata é a derrocada dos regimes que odeiam.

Todavia, a maioria dos povos já conseguiu a independência política. E natural que para eles se haja apresentado, no primeiro plano, uma série de outras tarefas. Sua luta contra o colonialismo, contra o imperialismo, assume formas diferentes e uma orientação diferente. O grande Lênin ensinava que a libertação nacional não pode ser completa sem a emancipação econômica. E, com efeito, a luta pela independência econômica, pelo progresso social, converteu-se no problema central da esmagadora maioria dos povos da Ásia, África e América Latina.

Os povos dos países libertados querem sair da miséria tenebrosa e da fome e assegurar-se uma vida digna do homem. É normal que nos países subdesenvolvidos a produção industrial por habitante seja, em média, 10-20 vezes menor que nos países economicamente desenvolvidos, que a fundição de aço seja 25-30 vezes menor e a produção de eletricidade 50-100 vezes menor? Em nosso século de esplendor da ciência e da técnica não deve haver na Terra povos que vivam em condições medievais; é hora de acabar com a divisão dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos no terreno econômico. Todos os povos deram seu quinhão ao desenvolvimento da civilização universal, todos os povos são dignos de destruir todos os bens da cultura, da ciência e da técnica moderna.

Assim, portanto, libertar-se do atraso e da miséria, criar uma economia independente, capaz de assegurar o progresso, fortalecer a independência política e desenvolver a democracia, tais são, a meu ver, os principais problemas surgidos para os jovens Estados nacionais. Para isso é preciso, antes de tudo, acabar com a dominação econômica dos imperialistas. Os monopólios estrangeiros que exploram as riquezas dos países subdesenvolvidos são o principal obstáculo no caminho dos povos rumo ao progresso, a uma vida melhor. Sem independência econômica, sem libertar-se do saque imperialista, é impossível elevar o nível de vida das massas populares e assegurar-lhes o bem-estar.

Mas, que significa conquistar a independência econômica? Significa libertar-se da prepotência do capital monopolista estrangeiro, liquidar a estrutura colonial da economia, criar uma economia diversificada, independente, firme e próspera, que não se baseie apenas na exportação de matérias-primas. A solução correta desse problema dependerá em alto grau da rapidez com que se liquidarem os vestígios feudais e semifeudais e que o campesinato — massa fundamental da população — se liberte da opressão latifundiária e usu-

ria. A opressão dos monopólios estrangeiros.

A experiência do desenvolvimento dos países que se libertaram já mostrou que o setor estatal tem grande importância para acabar com a opressão estrangeira e elevar a economia nacional — se este setor for criado, naturalmente, para lutar contra os monopólios imperialistas. O setor estatal permite mobilizar os recursos em benefício de toda a nação, evitar que se dispersem e acelerar o ritmo do desenvolvimento econômico.

A nacionalização da propriedade dos monopólios estrangeiros, o desenvolvimento da indústria, a criação e o fortalecimento do setor estatal e as transformações agrárias em benefício do campesinato são medidas ditadas pela própria vida. Na execução deste programa democrático geral estão interessadas as amplas massas populares — e em sua realização pode participar também a burguesia nacional não ligada aos monopólios estrangeiros. Mas o cumprimento deste programa — e é muito importante ressaltar isso — é impossível sem transformações sociais internas e sem a presença de forças revolucionárias ant imperialistas no poder.

A conquista da independência econômica é um processo complexo, que exige entusiasmo revolucionário e uma hábil administração do País e da economia.

Vemos, com satisfação, como povos que os colonizadores detravam e consideravam incapazes de governar o Estado, fazem emergir de seu seio administradores e dirigentes da economia cada vez mais talentosos. Sabemos bem, por experiência própria, que as forças e energias do povo, quando livre, são inesgotáveis, são capazes de vencer qualquer obstáculo.

Os imperialistas e seus acólitos reacionários não conseguirão sufocar os anseios dos povos pela libertação econômica, tão inevitável como a emancipação política.

Cada povo dará sua própria e genuína contribuição à solução dos problemas do ressurgimento nacional. Mas, por mais diferentes que sejam as formas e os métodos concretos desse processo, é claro que os povos somente podem conseguir o objetivo lutando contra o imperialismo e a reação interna, somente à base do desenvolvimento democrático e do progresso social.

5. PERGUNTA — Em sua opinião, em favor de qual perspectiva de desenvolvimento se pronunciarão os povos?

RESPOSTA — A escolha do caminho a seguir é um assunto dos próprios povos. Pessoalmente estou profundamente convencido de que os povos — uns antes, outros depois — se pronunciarão pelo socialismo. As massas consideram com total fundamento que a luta libertadora deve proporcionar-lhes uma vida melhor. Os camponeses aspiram a trabalhar livremente em sua terra, limpa de senhores feudais e exploradores estrangeiros. Os operários lutam pelo aumento de salários e por uma mudança radical das condições de vida, e estão nas primeiras filas dos lutadores pelo caminho não capitalista de desenvolvimento de seus países, pelo progresso social. Os intelectuais aspiram a levar os conhecimentos ao povo, desenvolver a cultura nacional e libertar-se da necessidade de vender seu talento. Todos os trabalhadores desejam desfrutar dos direitos políticos sem limitações, participar ativamente na orientação da política nacional e lutar por uma vida livre e feliz.

O autêntico ressurgimento nacional exige que seus frutos estejam ao alcance de todo o povo. Mas os povos sabem por experiência própria que o capitalismo lhes traz novas privações, novos sofrimentos e aflições. Ergueram-se contra os colonizadores — e milhares de patriotas molaram sua vida — mas não para que, em vez de escravizadores estrangeiros, subam às costas dos trabalhadores os exploradores nativos.

A experiência da realização do programa democrático geral mostra cada dia mais que o capitalismo não pode ser bandeira da luta dos povos pelo ressurgimento nacional e pelo progresso social, não pode servir-lhes de ideal. É certo que os propagandistas do "modo de vida ocidental" procuram enganar-lhes e embelezam o capitalismo. Mas, qual o povo dos países libertados que não sofreu as "delícias" do capitalismo, como a escravidão colonial, a monstruosa exploração e a desesperada miséria? Ao mesmo tempo, têm à vista o exemplo dos povos da União Soviética e demais países socialistas. Esse exemplo constitui a força de atração das ideias do socialismo. Eis aí porque,

talvez, até os estadistas dos jovens Estados nacionais que são partidários do desenvolvimento "ocidental" e em essência implantam o capitalismo, não se decidem a apresentar abertamente um programa capitalista. Adaptando-se ao sentimento das massas, estes líderes falam também do socialismo, ainda que tenham as transformações sociais como se teme o fogo.

Quanto aos líderes democráticos revolucionários, pronunciam-se sinceramente a favor dos métodos não capitalistas de solução dos problemas nacionais e declaram sua decisão de construir o socialismo. Nós aplaudimos essas declarações. Alegramos-nos de que os povos hajam promovido à liderança homens que cursaram a dura escola da luta contra o colonialismo e vivem pensando nos interesses das massas, que conhecem suas necessidades e compreendem que o socialismo representa o autêntico ressurgimento nacional. Nós apoiamos plenamente suas medidas, que correspondem aos anseios dos povos e se dirigem contra os mo-

salhar a etapa das transformações democráticas, realizar atos para os quais não hajam sido criadas as premissas sociais e econômicas necessárias e não se tenha assegurado o apoio das massas populares. O corrompimento da revolução democrática, antifeudal e ant imperialista cria as melhores condições para a transição ao socialismo. Para muitos países o principal agora consiste em desencadear essa revolução, incorporar à obra revolucionária vastas massas populares, em cujo processo se aproximarão diretamente de um novo objetivo: as transformações socialistas. Portanto, já no curso da realização das tarefas democráticas gerais, que não têm, em si, caráter socialista, criam-se as premissas para a passagem ao socialismo.

É indubitável também outra coisa: não se pode construir o socialismo partindo-se das posições do anticomunismo, pronunciando-se contra os países onde o socialismo alcançou a vitória, perseguindo os comunistas, que são abnegados combatentes da libertação nacional de

Meca. Os imperialistas não podem nem querem resignar-se à perspectiva de liquidação total do colonialismo. Fede-se-lhes aplicar o bem o provérbio árabe que diz: "Não esperes tranquilidade do teu inimigo".

Mas os tempos dos Kitchener e MacMahon, dos chefes das cações e expedições punitivas, colônias passaram para não voltar. Os imperialistas reagem agora principalmente a outros todos e meios, associados ao conceito de neocolonialismo. Anteriormente, tentam conservar e até controlar o controle sobre o desenvolvimento econômico dos países libertados. Procuram fazer com que os países se desenvolvam por caminhos capitalistas, que em essência vedam a passagem ao ressurgimento nacional. Tentam jungir definitivamente esses países à economia capitalista mundial e mantê-los assim na situação de nações dependentes, na situação de apêndices necessários de matérias-primas e produtos agrícolas das potências



A luta pela libertação nacional dos povos. De toda parte surgem manifestações de luta para apagar a mancha do colonialismo que mostra uma demonstração de argelinos contra os car-

monopólios estrangeiros e a ordem feudal e capitalista.

Os dirigentes democráticos revolucionários de vários países libertados procuram os métodos e formas da passagem ao caminho de desenvolvimento não capitalista. Na opinião dos marxistas-leninistas, para muitos países seria uma forma adequada dessa passagem o Estado de democracia nacional. O Estado de democracia nacional se apoia na frente única ant imperialista de todas as forças sociais dispostas a lutar pelo desenvolvimento democrático independente. O Estado de democracia nacional abriria amplas possibilidades para incorporar as massas à vida política e à edificação nacional de uma vida nova sobre bases democráticas. Claro que não ficam excluídas outras formas diferentes de desenvolvimento pelo caminho da libertação nacional e do progresso social.

A vida introduzirá muitas inovações, tanto nas formas da passagem ao socialismo como no ritmo das transformações sociais. Não há dúvida, em qualquer caso, de que a vida impõe que se ande para a frente — e não se pode andar para a frente senão para o socialismo. Mas o socialismo não se decreta, não é possível

seus países da opressão imperialista, ardentes patriotas e lutadores por um novo regime social, pelo progresso social.

6. PERGUNTA — Em que consiste, em sua opinião, o perigo dos novos métodos e formas da política colonial do imperialismo?

RESPOSTA — A liquidação dos regimes coloniais não significa ainda a liquidação do colonialismo. Na maioria dos países libertados, os monopólios imperialistas mantêm posições dominantes na economia e, mediante uma exploração brutal dos trabalhadores, extraem gigantescos lucros: aproximadamente cinco bilhões de dólares anuais, segundo cálculos de economistas. As potências imperialistas continuam aguçando os países economicamente atrasados da Ásia, África e América Latina, inclusive através do intercâmbio desigual. Ao vender-lhes por preços caros as mercadorias industriais e comprar-lhes a preços baixos as matérias-primas minerais e agrícolas, os monopólios "ganham" somas astronômicas: outros 14/16 bilhões de dólares anuais. Em muitas de suas antigas possessões, os imperialistas conservaram uma forte influência po-

triais. Os monopólios imperialistas penetram intensamente nessas regiões, envolvem com as telas da "associação", naturalmente desigual, capital nativo e o submetem ao jugo. Opõem-se por todos os meios à criação do setor estatal, capaz de ser um eficiente instrumento do desenvolvimento democrático independente.

Os imperialistas, obstinadamente procuram guindar ao Poder os "testas-de-ferro", envolver os países libertados nos blocos agressivos tipo SEATO e CENTO, em alianças regionais reacionárias como o OEA e conservar suas bases militares nos territórios destes países. Não regateiam esforços para apoiar a solidariedade das forças ant imperialistas e cindir a frente anticolonial dos patriotas. Provocam-se discórdias entre os países libertados, e cam-se as contradições entre as nações e entre as nações, fomenta-se a rivalidade entre os líderes políticos etc.

Os neocolonialistas encobrem a cruzada contra a liberdade dos povos da Ásia, África e América Latina com uma falsa defesa frente à influência da União Soviética, o estandarte negro do anticomunismo. Agitando este estandarte, p-

ar a etapa das transformações
ocráticas, realizar atos para os
s não hajam sido criadas as pres-
as sociais e econômicas neces-
sárias e não se tenha assegurado o
o das massas populares. O co-
mento da revolução democrática,
feudal e anticolonialista cria as
condições para a transição
socialismo. Para muitos países
o principal agora consiste em
ncadeirar essa revolução, incor-
r à obra revolucionária vastas
as populares, em cujo processo
proximarão diretamente de um
objetivo: as transformações so-
tas. Portanto, já no curso da
ação das tarefas democráticas,
s, que não têm, em si, caráter
lista, criam-se as condições pa-
passagem ao socialismo.

indubitável também outra coi-
são se pode construir o socialis-
partindo-se das posições do an-
unismo, pronunciando-se con-
países onde o socialismo aliu
a vitória, perseguindo os co-
stros, que são abnegados com-
tes da libertação nacional de

Méica. Os imperialistas não se resignam nem querem resignar-se à perspectiva de liquidação total do colonialismo. Pode-se-lhes aplicar muito bem o provérbio árabe que diz: "Não esperes tranquilidade do velho inimigo".

Mas os tempos dos Kitchener e MacMahon, dos chefetes das pacificações e expedições punitivas nas colônias passaram para não mais voltar. Os imperialistas recorrem agora principalmente a outros métodos e meios, associados ao conceito de neocolonialismo. Antes de tudo, tentam conservar e até reforçar o controle sobre o desenvolvimento econômico dos países libertados. Procuram fazer com que esses países se desenvolvam pela via capitalista, que em essência lhes veda a passagem ao ressurgimento nacional. Tentam jurar definitivamente esses países à economia capitalista mundial e mantê-los assim na situação de nações exploradas, na situação de apêndices fornecedores de matérias-primas e produtos agrícolas das potências indus-

curam isolar as forças mais combativas do movimento nacional-libertador, dissociar as fileiras dos patriotas e desviar a atenção pública do verdadeiro inimigo. Os imperialistas apelam à "solidariedade de classe", procurando recrutar como seus aliados e unir sob sua direção todas as classes e camadas abastadas nos países libertados.

O imperialismo norte-americano é o principal baluarte do colonialismo contemporâneo, que realiza sua expansão colonial na América Latina, Ásia e África substituindo os antigos senhores coloniais. Nos antigos Estados Unidos os racistas praticam a vergonhosa discriminação racial e descarregam a repressão sobre a população negra erguida à justa luta pela liberdade e pelos direitos elementares do homem.

Também representa uma séria ameaça para os países libertados a expansão colonial dos imperialistas de outros países e especialmente dos monopólios da Alemanha Ocidental e do Japão. Os mesmos consórcios que amamentaram a peste parda do

consequente a política dos imperialistas ajudam os povos a identificar os métodos e procedimentos do neocolonialismo. Pronunciam-se resolutamente contra a intervenção dos imperialistas nos assuntos dos povos de qualquer país que se lance à luta de libertação contra a exportação imperialista da contra-revolução.

7. PERGUNTA — Não há contradição entre a política de coexistência pacífica e a luta de libertação nacional?

RESPOSTA — Acho que não só a vida, como também a experiência do movimento nacional libertador já deu uma resposta convincente a esta pergunta. É um fato que os povos conseguiram os maiores êxitos na luta pela independência política no período de após-guerra, quer dizer, durante um período que, em seu conjunto, transcorreu sob o signo da coexistência pacífica dos países com regimes sociais distintos. Precisamente nessa época demoliu-se o sistema colonial mundial, e o imperialismo, imobilizado pelo poderio da comunidade de Estados socialistas, viu-se impossibilitado de lançar suas principais forças militares contra os povos que se haviam levantado na luta de libertação. Poderia referir-me, neste aspecto, a uma conhecida expressão do insigne lutador contra o colonialismo, o dr. Kwame Nkrumah, que disse: "Se não fosse a União Soviética, o movimento de libertação do Jugo colonial na África teria sofrido toda a força de um esmagamento cruel e brutal."

Nas condições da coexistência pacífica dos países com regimes sociais diferentes surgiram no mapa político do mundo mais de cinquenta Estados nacionais. As chamas da vitoriosa luta de libertação nacional propagaram-se ao hemisfério ocidental com o triunfo da gloriosa revolução cubana.

Do ponto de vista marxista, isso nada tem de surpreendente, é totalmente lógico. O princípio da coexistência pacífica dos países com diferentes regimes sociais, se for compreendido de uma maneira leninista, não significa, de modo algum, conciliação com o imperialismo, amortecimento da luta revolucionária, capitulação do movimento de libertação nacional. Este princípio leva em conta as relações entre os Estados com diferentes regimes políticos e sociais. Estabelece a coexistência desses Estados sem guerras nem ingerência nos assuntos internos de outros países, a manutenção e o fomento das relações diplomáticas, econômicas e em outros planos, normais entre os Estados. Evidentemente, isso não significa que, nas condições da coexistência pacífica, cesse a luta entre os Estados de diferentes regimes sociais. Pelo contrário, a coexistência pacífica pressupõe a luta econômica sob a forma de emulação econômica — chamada na linguagem dos capitalistas de competição —, política e luta ideológica. Pressupõe ações energéticas dos países socialistas, de todas as forças progressistas e pacíficas, encaminhadas contra os projetos agressivos e colonialistas do imperialismo. Mas, repito, é uma luta que se deve desenvolver em condições de paz, em condições de não intervenção na vida interna dos Estados coexistentes.

Outra coisa é a luta de classes contra o capital, é a luta de libertação nacional. Estas são questões internas de cada povo, que ele mesmo soluciona. Certamente, existem políticos burgueses e até homens públicos que se dizem socialistas, que gostariam que a coexistência pacífica fosse estendida também a esta esfera. Essas pessoas desejam debilitar a luta de libertação dos povos contra os imperialistas e os colonizadores, assim como a luta de classe dos trabalhadores contra o capitalismo. Nós, os marxistas-leninistas, sabemos, no entanto, que se numa sociedade existem a opressão e a exploração, não cessará a luta contra esses fenômenos. Sabemos que enquanto existir opressão nacional e colonial, a luta de libertação nacional prosseguirá. E estamos inteiramente a favor desta luta. Nenhum marxista-leninista jamais entendeu a coexistência pacífica entre países de distintos regimes sociais como a manutenção do *status quo*, como uma espécie de armistício com o imperialismo, como um "título de seguro" contra os processos revolucionários de libertação nacional e social. Ninguém tornou extensivo esse princípio às relações entre o imperialismo e os povos oprimidos, visto que o princípio da coexistência pacífica não opõe, em hipótese alguma, "veto" à luta desses povos, pelo contrário, os marxistas-leninistas consi-

deravam e consideram que adenta erguendo-se em luta decidida contra seus opressores, com armas na mão, se for preciso, os povos oprimidos podem conquistar a liberdade.

Por isso, sempre estivemos e estaremos contra a coexistência pacífica entre os exploradores e os explorados, entre os opressores e os oprimidos. Por isso, nos pronunciamos a favor da coexistência pacífica entre os Estados socialistas e capitalistas e, ao mesmo tempo, apoiamos o quanto podemos os povos que mantêm lutas de libertação nacional.

Como se vê, não há a menor contradição entre a política leninista da coexistência pacífica dos países de regimes sociais distintos e a luta de libertação nacional. Atribuir outro sentido ao princípio da coexistência pacífica significa tergiversar este princípio leninista, tergiversar nossa posição. Combatemos resolutamente tais tergiversações.

São da mesma maneira infundadas as tentativas de apresentar a luta pelo desarmamento como o desejo de desarmar os povos que se erguem em luta contra o imperialismo. Está claro que o desarmamento afeta principalmente os arsenais das grandes potências, que concentram em suas mãos a massa fundamental dos armamentos. Os povos das colônias e dos países libertados somente sairão ganhando com o "desmonte" da máquina bélica do imperialismo e com o desmantelamento das bases militares dos imperialistas em seus territórios. No final das contas, o desarmamento fortalecerá a segurança e a independência dos jovens Estados nacionais. Se se conseguisse pôr fim à corrida armamentista, isso proporcionaria imediatamente aos jovens Estados nacionais grandes somas dedicadas às necessidades do desenvolvimento econômico e cultural. De sua parte, os Estados socialistas obteriam a possibilidade de ampliar substancialmente a ajuda econômica e técnico-científica aos países da África, Ásia e América Latina. Mas enquanto os imperialistas se negarem a desarmar-se os países libertados agem acertadamente ao fortalecer sua capacidade defensiva. A situação de tensão internacional e a preparação de uma nova guerra por parte dos imperialistas impedem os jovens Estados nacionais de concentrar seus esforços na solução de suas tarefas primordiais. Aproveitando a atmosfera viciada da guerra fria, os imperialistas procuram incorporar os países libertados em blocos militares, criar bases militares em seus territórios e impor a esses países a participação na corrida armamentista. Do que foi dito, vê-se que a política de coexistência pacífica dos Estados com diferentes regimes sociais e a luta pelo desarmamento são uma causa vital aos povos dos países da África, Ásia e América Latina. Também corresponde inteiramente a seus interesses o Tratado de Moscou sobre a proibição parcial dos ensaios nucleares, que é o primeiro passo, mas um passo importante, no caminho certo. A maioria dos Estados nacionais aderiu ao tratado, manifestando desse modo prudência estatal e solicitude pelos destinos da paz. São necessários novos esforços neste caminho. Apoiamos inteiramente os Estados africanos que propuseram transformar a África numa zona desatomizada. Apoiamos resolutamente sua luta contra as experiências nucleares no Saara, realizadas pelos imperialistas franceses. Todos os passos realizados para aliviar a tensão internacional e reforçar a paz encontrarão de nossa parte plena compreensão e apoio.

8. PERGUNTA — Poderia explicar uma vez mais sua posição ante o problema das formas pacíficas e das formas armadas da luta dos povos contra os colonizadores?

RESPOSTA — Nosso Partido expôs reiteradamente sua posição sobre este assunto, porém eu o farei uma vez mais com todo o prazer. Antes de mais nada, gostaria de começar dizendo que não existe uma receita universal válida para todos os países e povos. A aplicação de uma ou outra forma de luta depende das condições concretas e, em primeiro lugar, da força de resistência dos colonizadores e seus acólitos. É notório que alguns povos agulhoados pelo imperialismo conquistaram a independência com as armas. Eram guerras sagradas, que nós sempre apoiamos e apoiaremos. Outros alcançaram a independência por meios pacíficos. Consideramos como lógicas e convenientes tanto a primeira como a segunda forma, quando levam a libertação nacional.

A Guiné, por exemplo, não se livrou do Jugo colonial por meio da



A luta pela libertação nacional dos povos oprimidos comove o mundo inteiro. De toda parte surgem manifestações de apoio — moral e material — aos que estão em luta para apagar a mancha do colonialismo. É o que vemos na foto, que mostra uma demonstração de argelinos em favor da luta armada do povo angolano contra os carrascos portugueses.

ses da opressão imperialista,
patriotas e lutadores; por
o regime social, pelo pro-
social.

PERGUNTA — Em que consistem os perigos dos métodos e formas da política de imperialismo?

RESPOSTA — A liquidação dos re-
gimes coloniais não significa ainda
a abolição do colonialismo. Na
dos países libertados, os im-
perialistas mantêm pos-
sões dominantes na economia e,
uma exploração brutal dos
povos, extraem gigantescos
rendimentos aproximadamente cinco bi-
lhões anuais, segundo cál-
culos econômicos. As potências
imperialistas continuam sugando os
recursos econômicos atrasados da
África e América Latina, inclu-
sivamente do intercâmbio desigual,
trazendo por preços caros as
matérias industriais e comprando
preços baixos as matérias
minerais e agrícolas, os mo-
dernos ganham somas astronô-
micas de 14/16 bilhões de dó-
lares. Em muitas de suas an-
exões, os imperialistas con-
tinuam a exercer forte influência po-

trial. Os monopólios imperialistas penetram intensamente nesses países, envolvem com as telas da "associação", naturalmente desigual, o capital nativo e o submetem ao seu jugo. Opõem-se por todos os meios à criação do setor estatal, capazes de ser um eficiente instrumento do desenvolvimento democrático independente.

Os imperialistas, obstinadamente, procuram guindar ao Poder os seus testas-de-ferro, envolver os países libertados nos blocos agressivos do tipo BRATO e CENTO, em alianças regionais reacionárias como a OEA e conservar suas bases militares nos territórios desses países. Não regateiam esforços para solapar a solidariedade das forças antimperialistas e cindir a frente única dos patriotas. Provocam-se discórdias entre os países libertados, atacam-se as contradições entre as tribos e entre as nações, fomenta-se a rivalidade entre os líderes políticos, etc.

Os neocolonialistas encobrem sua cruzada contra a liberdade dos povos da Ásia, África e América Latina com uma falsa defesa frente à influência da União Soviética, com o estandarte negro do anticomunismo. Agitando este estandarte, pro-

hitlerismo procuram apoderar-se hoje das riquezas da Ásia, África e América Latina.

O perigo dos novos métodos e formas do colonialismo está, acima de tudo, no seu mascaramento. Antes era fácil distinguir o inimigo. Atuava abertamente, seu aspecto era o do presunçoso funcionário colonial, do capataz com o chicote e do soldado estrangeiro com o fuzil. Hoje se oculta atrás da máscara do especialista em questões de "ajuda", de respeitável negociante, de conselheiro econômico ou militar, de jovem do "Corpo da Paz" e de emissário do Fundo Monetário Internacional. Isso, naturalmente, torna mais complexa a luta contra o neocolonialismo.

Mas os imperialistas enganam-se profundamente se pensam que conseguirão enganar os povos. Porque o desenvolvimento da luta antimperialista conduziu a uma enorme capacitação política das massas, elevou sua vigilância com relação às maquinações dos colonizadores e fortaleceu sua decisão de marchar pelo caminho da independência nacional e do progresso.

O Partido Comunista da União Soviética e demais partidos marxista-leninistas desmascaram de modo

luta armada. O movimento de massas do povo guineense contra os opressores estrangeiros durante vários anos sotapou os estímulos do regime colonial e criou uma situação por meio da qual a Guiné pôde conseguir a independência sem sublevar-se rechaçando a "comunidade francesa" que pretendiam impor-lhe. O povo guineense consolidou sua independência com a ajuda de outros povos amantes da liberdade.

Na Argélia a situação foi outra. O povo argelino expulsou os colonizadores franceses no curso de uma sangrenta luta armada de muitos anos. Seu heroísmo granjeou a admiração e o respeito de todos os povos amantes da liberdade. Sempre teve a seu lado a simpatia e o pleno apoio dos soviéticos, e não era de modo algum um apoio platônico. A URSS proporcionou gratuitamente muitos armamentos aos patriotas argelinos. Prestamos uma séria ajuda aos povos da Indonésia, do Iemen e de outros países na sua luta armada. Demos o apoio de todo o nosso poderio quando o povo egípcio se encontrou diante da necessidade de responder com as armas à agressão imperialista. A União Soviética e demais países socialistas ajudam ativamente os jovens Estados nacionais a fortalecer sua defesa, a formar e a instruir as forças armadas que protegem a independência conquistada diante das armadilhas dos imperialistas. Nós marxistas-leninistas sustentamos firmemente a posição leninista de princípio; consideramos que se os povos empunham as armas e derramam seu sangue, não o fazem de bom grado. Obrigamos a isso a violência dos colonizadores e, quando um povo se vê obrigado a lançar-se à luta armada, o dever de todos os internacionalistas é prestar-lhe o máximo apoio e ajuda. Essa é nossa posição a respeito da luta armada dos povos pela libertação nacional.

Ao mesmo tempo, toda pessoa que tenha o senso da realidade verá forçosamente que, atualmente, para a imensa maioria dos povos da Ásia, África e América Latina, que criaram seus Estados nacionais, a tarefa não consiste somente em defender seu país da agressão de uma ou outra potência imperialista, senão também alcançar a independência econômica, fomentar a economia, elevar o nível de vida dos povos e desenvolver a democracia. Ninguém acreditará que a solução dos problemas do ressurgimento nacional dos países libertados pode ser resolvido hoje no campo de batalha. Para os países que já conseguiram independência nacional, a essência do problema consiste em reformar a estrutura econômica e social, elevar o nível de vida das massas populares, liquidar a prepotência econômica dos exploradores estrangeiros e destruir as posições políticas de seus aliados internos. O centro de gravidade desta luta — luta que pelo seu caráter é indubitavelmente antiimperialista — se encontra em levar até ao fim a revolução nacional-libertadora, anti-feudal e democrática.

9. PERGUNTA — Os imperialistas procuram por todos os meios impedir o desenvolvimento das relações entre os Estados socialistas e os países libertados. Como encara estas relações mútuas e quais são, segundo pensa, suas perspectivas?

RESPOSTA — De fato, os imperialistas pagariam um preço elevado em troca do isolamento da comunidade socialista face aos países libertados. Gostariam de ficar a sós com esses países, pois nesse caso lhes seria muito mais fácil realizar a política de imposição e levar à prática seus desígnios neocolonialistas. Mas, como se costuma dizer, a vaca tocada por Deus não tem chifres. Os imperialistas são impotentes para impedir que se amplie a colaboração entre os jovens Estados nacionais e o mundo socialista. No que se refere a nós, alegrá-nos que se fortaleça esta colaboração, e vemos nela uma das leis do desenvolvimento das relações internacionais contemporâneas.

A história conhece muitas alianças entre nações, assentadas numa coincidência temporária de interesses, em combinações diplomáticas casuais. Passava o tempo e tais alianças se desfaziam, eram relegadas ao esquecimento. Mas as relações da comunidade socialista com os jovens Estados nacionais e com o movimento de libertação nacional estão assentadas numa base diferente. Apóiam-se na comunidade de interesses básicos.

Em que consiste essa comunidade?

Temos um inimigo comum: o imperialismo; um objetivo comum: acabar para sempre com a opressão colonial e imperialista, estabelecer uma paz duradoura e a colaboração em igualdade de direitos entre os povos, assegurar às massas populares uma vida livre e feliz.

A União Soviética e demais Estados socialistas, em suas relações com os países libertados, não têm em vista objetivos contrários aos interesses dos povos destes países. Não buscamos nenhuma vantagem para nós. Não temos nem queremos nenhuma base militar nos territórios dos países libertados. Diferentemente dos imperialistas, não aspiramos a envolver estes países em blocos militares. Aos Estados socialistas, devido à natureza mesma de seu regime social, é estranho e desejado o subjugar e explorar os povos.

Os ideais do socialismo exigem a liquidação total do colonialismo, a eliminação das relações internacionais, de toda desigualdade, a concessão

geopolíticas e até raciais. A propagação das concepções racistas no movimento nacional-libertador faria apenas o jogo do imperialismo e da reação interna nos países libertados.

Mas estamos certos de que todas estas tentativas fracassarão ante o amadurecimento político dos povos da Ásia, África e América Latina e serão liquidadas.

10. PERGUNTA — Como considera o significado e as perspectivas da colaboração econômica dos Estados socialistas com os países libertados?

RESPOSTA — A principal importância da colaboração econômica dos Estados socialistas com os países libertados consiste, a meu ver, em que ajuda os povos destes países a lançar os alicerces da economia nacional e conseguir a independência econômica.

Atualmente, nos países da Ásia, África e América Latina, constroem-

lançar as bases da indústria moderna, a criar um forte setor estatal, instrumentos seguros na luta contra a prepotência das monopólios estrangeiros. O que inspira os soviéticos são as palavras do grande Lênin, que nos deu por legado — prestar ajuda aos povos em luta contra o jugo colonial.

Nossa colaboração econômica não é somente uma ajuda direta; é, além disto, uma imensa ajuda indireta aos países libertados que fortalece suas posições nas relações com as potências imperialistas. As potências imperialistas, que perderam o monopólio dos empréstimos e créditos, da produção de equipamentos e dos conhecimentos técnicos, não podem impor, como antes, o "ditado" econômico aos países subdesenvolvidos. O apoio dos Estados socialistas permite a estes países opor-se à chantagem dos consórcios internacionais, obriga os imperialistas — que algumas vezes dão com a língua nos dentes e o confessam —



Os povos subjugados se libertam pela força quando os senhores colonialistas insistem em manter seus privilégios. Quando as armas do povo são insuficientes, e que sempre acontece no início, os patriotas tomam as que o inimigo usava para oprimir e usam-nas para libertar-se. A foto é da Argélia.

são a todos os povos da possibilidade de ser os senhores em sua própria casa. Por isso, cada passo adiante pelo caminho do fortalecimento da independência política e econômica dos jovens Estados nacionais, pelo caminho da coesão do movimento nacional-libertador com o mundo socialista, atende também a nossos interesses, e nós os consideramos como uma contribuição real à luta contra o imperialismo.

Tudo isto me dá fundamento para declarar com segurança que as relações entre os povos dos países socialistas e os povos elevados a uma vida independente têm um grande porvir. De nossa parte, faremos tudo o que for necessário para que estas relações se desenvolvam de maneira feliz, sejam cada dia mais estreitas e múltiplas. Os povos libertados sempre tiveram e terão nos povos da União Soviética fiéis amigos e irmãos.

É preciso zelar, através de todos os meios, por nossa amizade, dar uma decidida réplica aos imperialistas que tentam miná-la e lutar também contra qualquer tentativa de isolar dos povos da União Soviética e demais países socialistas, assim como da classe operária internacional, o movimento nacional-libertador; é preciso desmascarar o que há de pernicioso na ansia de solidariedade dos povos que lutam por sua libertação com palavras de ordem

se, com a ajuda da União Soviética, cerca de 500 empresas industriais e outras obras. A soma total dos créditos soviéticos e de outras dotações para as necessidades do desenvolvimento econômico dos países libertados ascende a quase três bilhões de rubros novos. Foram construídas ou se constroem mais de 400 empresas industriais e outras obras com a ajuda da Tchecoslováquia, RDA, Polónia, Bulgária, România e Hungria. A República Popular Chinesa também presta ajuda econômica aos países libertados.

Mas seria errôneo determinar o verdadeiro significado da ajuda dos Estados socialistas partindo unicamente destas cifras e não de seu caráter e objetivos, de seu papel na luta dos povos pela emancipação econômica.

Os imperialistas, como se sabe, falam muito do seu desejo de ajudar os países libertados. Mas, que ajuda é essa? Na realidade, é um veículo de avassalamento e exploração dos países economicamente atrasados e abre caminho para o capital estrangeiro. Ademais, esta "ajuda" significa, em essência, reinvestir nestes mesmos países uma pequena parte dos capitais saqueados pelos monopólios.

A ajuda dos Estados socialistas tem objetivos completamente distintos. Queremos ajudar sinceramente estes países a pôr-se de pé, a conseguir a emancipação econômica, a

a fazer concessões. Como mostra o fracasso dos planos de bloqueio econômico de Cuba, Egito, Guiné e outros países, os imperialistas são já impotentes para sufocar economicamente os países libertados, que defendem sua independência e sua liberdade nacional. O significado histórico de tudo isto é evidente. Por sua vez, os países libertados apoiam a União Soviética e demais países socialistas, fornecendo-lhes mercados úteis, atuando em frente única conosco contra o imperialismo e a política por este seguida de imposição e discriminação nas relações econômicas internacionais, etc.

Abrigo firme certeza de que a colaboração econômica entre os Estados socialistas e os países libertados continuará ampliando-se ininterruptamente. A economia socialista se desenvolve num ritmo colossal e isso significa que nossas possibilidades de colaboração econômica com estes países crescerão sem cessar. Os êxitos do desenvolvimento econômico dos países libertados, por seu lado, fortalecem a base desta colaboração.

11. PERGUNTA — Como avalia o papel dos jovens Estados nacionais na política internacional de nossos dias e na luta pela paz?

RESPOSTA — Aqui, a meu ver, não podem existir discrepâncias. O triunfo das revoluções de libertação

nacional conduziu a profundas mudanças nas relações internacionais. Há vinte ou vinte e cinco anos, os colonizadores mantinham os povos escravizados, em essência, à margem da política mundial. Nas conferências internacionais, os opressores falavam em nome destes povos. Hoje, porém, os jovens Estados nacionais converteram-se numa grande força na arena internacional. Inclusive aqueles a quem isto não agrada em nada — os políticos imperialistas — não têm outro remédio senão reconhecer que, sem a participação destes Estados, hoje não podem ser resolvidos os problemas-chave internacionais.

Na imensa maioria dos casos, os jovens Estados nacionais desempenham um papel progressista nos assuntos internacionais. Pronunciam-se contra o colonialismo, contra a política imperialista de preparação da guerra e de corrida armamentista, pela consolidação da paz e a colaboração entre os povos. Em sua maioria, rejeitam a chantagem dos imperialistas e se negam a ingressar em seus blocos militares, a conceder-lhes seus territórios e seus recursos humanos e materiais e escolheram o neutralismo.

Veja-se que mudanças tão prodigiosas se produziram, por exemplo, na ONU. Desde a fundação da ONU, o número de seus membros duplicou fundamentalmente graças aos novos Estados da Ásia e da África.

Estou convencido de que não só o número de jovens Estados nacionais, mas também seu papel internacional continuará crescendo. Nós, os soviéticos, vemos nisso um grande progresso não só para os próprios povos dos países libertados, mas também para toda a humanidade, e aplaudimos este desenvolvimento dos acontecimentos. Não obstante, daquele a quem muito se dá, muito se exige. A possibilidade de influir ativamente na solução dos problemas fundamentais da vida internacional impõe aos jovens Estados nacionais também uma séria responsabilidade pelos destinos da paz e da segurança geral. Cada jovem Estado nacional é capaz de dar sua contribuição à luta pelo desarmamento, pela criação de zonas desnuclearizadas, pelo decidido saneamento da situação internacional e pela cessação da guerra fria. Unindo seus esforços com os de outros Estados dedicados à paz, os países libertados podem desempenhar um papel decisivo na solução do problema central de nosso tempo: impedir a guerra. E não devido ao que os jovens Estados nacionais podem fazer, mas devido ao que não podem fazer: impedir a guerra. A responsabilidade que a história nos deposita e de que nos sentimos livres de nos sentir capazes para lutar contra o perigo de guerra, está em nosso destino da paz.

Os povos dos países libertados compreendem cada vez mais que, sem a firme aliança com os povos dos países socialistas, com o proletariado mundial, e movimento nacional-libertador não teria podido conquistar suas magníficas vitórias. Esta aliança é vitalmente necessária também para consolidar a independência conquistada, para o êxito da luta pela emancipação econômica. No fortalecimento desta aliança, para que seja cada vez mais profunda e profundamente interessada tanto os povos que lutam pela libertação nacional como os povos dos países socialistas e a classe operária do mundo inteiro. Esta aliança está destinada a exercer um histórico papel para impedir uma nova guerra, na luta pelo progresso social e pela liberdade nacional, pela felicidade da espécie humana.

Nosso povo é adversário intransigente de qualquer escravidão e exploração, é internacionalista convicto. Jamais "importamos" nem "exportamos" a revolução, mas sempre damos e continuaremos dando o máximo apoio aos povos que se erguem na sagrada luta contra o imperialismo. A aliança com as forças de libertação nacional era e é uma das pedras angulares de nossa política. Isto se diz também com toda a clareza no novo Programa de nosso Partido. Continuaremos aplicando inalteravelmente esta política.

Nossas corações estão sempre com os que se batem pela liberdade. Desejamos calorosamente aos povos da Ásia, África e América Latina a vitória total em sua corajosa luta contra o imperialismo, o colonialismo e o neocolonialismo, pela libertação nacional e o progresso social. E apoiamos por todos os meios sua luta, apoiá-la-emos, como sempre, moral, política e materialmente. Nós, os soviéticos, consideramos como irmãos os combatentes pela libertação nacional e pelo progresso social, e lhes desejamos novas vitórias.

Cenas como esta, em que vemos patriotas da África do Sul tombados depois de serem caçados como animais por forças colonialistas, estão pouco a pouco se tornando menos comuns. Não que os colonialistas estejam se tornando menos ferozes; mas agora a luta anticolonialista adquiriu tal impulso que em breve os últimos vestígios desse hediondo sistema terão desaparecido.



[REDACTED]

De importância inestimável para a luta de libertação nacional que desenvolvem os povos ainda subjulgados pelas cadeias colonialistas é o apoio dedicado pela União Soviética e demais países socialistas. Esse apoio é uma realidade em todos os níveis. O campo socialista não se limita às importantes gestões internacionais em favor dos povos em luta. A ajuda multilateral da URSS é um fator decisivo para a vitória dos povos que lutam por sua libertação. A foto mostra o primeiro-ministro soviético Kruchiov quando assinava convênios com representantes do governo do Senegal.

[REDACTED]

